

FUNDAÇÃO LAPA DO LOBO
LUGAR DE EDUCAÇÃO E DE ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

Rui Fonte
ruyfonte@gmail.com; Portugal



"Escolas, museus, teatros, associações culturais e recreativas, fábricas, fundações, organismos públicos estatais localizados, centros de saúde e casas da cultura, jornais e bibliotecas, paróquias, bombeiros e serviços de fornecimento de água e de energia, clubes desportivos, serviços de segurança pública, coletividades de bairro, câmaras e juntas de freguesia, todos são convocados porque todos são/podem ser atores e autores de educação e formação ao longo da vida" (Azevedo, 2007: 16).

RESUMO:

Este artigo visa dar a conhecer a Fundação Lapa do Lobo (FLL) – pessoa coletiva de direito privado, sem fins lucrativos e de utilidade pública geral – como lugar de educação e animação sociocultural. Ao longo do texto compreende-se a diferença entre os conceitos de lugar, território e espaço, assim como as diferentes perspectivas sobre educação e práticas educativas num sentido mais amplo, que nos encaminham para a conceção de lugar educativo, conceito no qual posicionamos a FLL. Também analisamos o conceito de Animação Sociocultural (ASC), assentando-o, fundamentalmente, em três pilares: a técnica da participação; o princípio da autonomia e o compromisso da cooperação. É sobre estes pressupostos que analisamos o trabalho desenvolvido pela FLL, clarificando que só serão alcançados quando se assumem as premissas da equidade (para uma participação assertiva), da independência (para alcançar a autonomia) e da proximidade (facilitando o espírito de cooperação). Por último, olhamos a FLL como lugar de educanimação, onde se educa – animando, para a consciência crítica e libertadora, para alcançar a mudança – e onde se anima – educando, para a aquisição de conhecimentos e competências, no sentido de originar o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo e da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Fundação Lapa do Lobo, Animação Sociocultural; Participação; Autonomia; Cooperação; Educar e Animar

RESUMEN:

Este artículo pretende dar a conocer la Fundación Lapa do Lobo (FLL) - entidad colectiva de derecho privado, sin fines de lucro y de utilidad pública general - como lugar de educación y animación sociocultural. A lo largo del texto se comprende la diferencia entre los conceptos de lugar, territorio y espacio, así como las diferentes perspectivas sobre educación y prácticas educativas en un sentido más amplio, que nos encaminan hacia la concepción de lugar educativo, concepto en el que posicionamos la FLL. También analizamos el concepto de Animación Sociocultural (ASC), asentándolo, fundamentalmente, en tres pilares: la técnica de la participación; el principio de autonomía y el compromiso de cooperación. Es sobre estos presupuestos que analizamos el trabajo desarrollado por la FLL, aclarando que sólo se alcanzará cuando se asumen

las premisas de la equidad (para una participación asertiva), de la independencia (para alcanzar la autonomía) y de la proximidad (facilitando el espíritu de cooperación). Por último, miramos a FLL como lugar de educanimación, donde se educa - animando, para la conciencia crítica y liberadora, para alcanzar el cambio - y donde se anima - educando, para la adquisición de conocimientos y competencias, en el sentido de originar el desarrollo personal y social del individuo y de la comunidad.

PALABRAS CLAVE:

La Fundación Lapa do Lobo, Animación Sociocultural; participación; autonomía; cooperación; Educanimar

FLL: Apresentação

A Fundação Lapa do Lobo (FLL) é uma pessoa coletiva de direito privado, sem fins lucrativos e de utilidade pública geral, com objetivos fundamentalmente culturais, educativos e de preservação do património. Formalmente, constituída por escritura pública lavrada em 23 de fevereiro de 2007, é em 2010, com a inauguração do edifício-sede que começa a desenvolver atividades com maior frequência. De acordo com o artigo quinto do capítulo segundo dos Estatutos da FLL (Fundação Lapa do Lobo, 2017), tem como objetivos: a) apoiar o desenvolvimento social, económico, cultural, educativo e artístico sobretudo dos mais carenciados, sendo a sua principal preocupação os adolescentes; b) a manutenção, preservação e promoção da Lapa do Lobo e da sua população residente; c) a manutenção, promoção e gestão do património, do artesanato e de aspetos culturais da Lapa do Lobo.

Com cerca de sete anos de intensa atividade, a origem e a história da FLL prendem-se à junção de dois fatores, essenciais para o Presidente do Conselho de Administração da FLL, Carlos Torres – a sua forma de estar na vida e a sua estima pela aldeia da Lapa do Lobo. Mas só depois de reunir as condições necessárias para colocar ao serviço de uma comunidade o excedente financeiro é que a ideia de criar uma Fundação foi ganhando forma. O sonho de proporcionar a todos as mesmas oportunidades, num mundo de justiça e equidade, cúmplice de um sentimento de ternura a uma aldeia e a um forte suporte familiar, são os pilares-chave da constituição da FLL. O Presidente do

Conselho de Administração da FLL sempre teve a noção de que tudo o que pudesse fazer na Lapa do Lobo seria, de facto, um benefício muito grande para as pessoas. Em menos de dez anos, os resultados do trabalho desenvolvido estão à vista de todos. Atualmente, a aldeia não tem nada a ver com o que era.

A FLL visa trabalhar para e com a comunidade do território que delimitou como área de abrangência: os concelhos de Nelas e Carregal do Sal. Aqui promove e dinamiza um conjunto de iniciativas, em exclusivo ou em parceria com outras entidades, e dá apoio a alguns projetos locais no âmbito da sua área de atuação Proporcional à razão da delimitação da área de abrangência, a equipa da FLL é reduzida. Para além dos elementos do Conselho de Administração, a equipa não ultrapassa a dezena de colaboradores, entre a Coordenação geral, Biblioteca, Galeria; Serviço Educativo, Apoio Informático, Manutenção, Serviço de Boleias, entre outros serviços. Uma equipa reduzida, que se dispõe a alcançar, como se fossem seus, os objetivos da FLL e atingir o seu principal propósito: proporcionar as oportunidades de acesso cultural e educativo ao público-alvo das suas atividades.

Apesar de uma maior atenção às crianças e jovens, o público-alvo da FLL, no que respeita a idades, não está de antemão definido, variando de acordo com a atividade. Mesmo ao nível do território, é difícil assumir a exclusividade aos habitantes da área de abrangência. A FLL promove muitos eventos, abertos a todos os públicos, aos quais as pessoas aderem, independentemente da sua morada ou residência.

A FLL dispõe de um património arquitetónico composto por o Edifício-sede e o Espaço Multifuncional. Ambos resultam de uma recuperação arquitetónica. No edifício-sede, para além da área administrativa, podemos encontrar a Biblioteca e o Espaço cibernético, a Galeria de exposições, a Sala de formação, um espaço exterior de lazer e de realização de eventos e o Auditório Maria José Cunha, com capacidade para cerca de 90 pessoas. O Espaço Multifuncional é um prédio com duas salas de formação, onde funcionam algumas atividades, nomeadamente os Cursos e os Ateliês. A FLL também utiliza outros espaços para as suas atividades, nomeadamente o Jardim Fundação Lapa do Lobo, que se estende numa área de cerca de 7700m²; o Salão de Festas da ADCL, com capacidade para cerca de 300 pessoas sentadas e uma Sala no Edifício do Jardim de Infância da Lapa do Lobo. São locais singulares que fazem da FLL um espaço de muitos espaços, que resultam num lugar educativo.

FLL: lugar educativo

Para compreender a FLL como lugar educativo o primeiro desafio é compreender o conceito de lugar, aprofundando as distinções entre espaço, território e lugar, na tentativa de perceber como, porquê e quando o espaço se torna um lugar e este em lugar educativo.

O espaço

O termo espaço pode ser alvo de diferentes interpretações, mediante a formação, interesse, disciplina ou sensibilidade de quem o observa e analisa. Segundo Bartolomeu Paiva, “quando falamos de espaço, e aqui é importante não dissociarmos espaço do objeto, estamos a falar de algo com carácter relativamente abrangente, não definido ou determinado de uma forma precisa, logo mais abstrato. Ou seja, é um termo que pode ser objeto de múltiplas interpretações, de múltiplas leituras decorrentes da formação, da educação ou ainda do próprio olhar de cada indivíduo” (Paiva, 2014).

Uma consideração, porém: “um espaço não existe senão por aquilo que o preenche” (Barracho, 2001:53). Não se pode olhar o espaço como algo vazio, oco, desabitado. É possível enquadrar o espaço através de três ângulos, que determinam a sua condição: Física, ou seja, no seu aspeto físico; Prática, aproximando a lente no uso e funções de determinado espaço, ou seja, no seu aspeto útil; Social, para elevar a importância da forma como o próprio espaço está organizado e das relações que nele existem, ou seja, o aspeto inter-relacional.

Sendo o espaço tão abstrato, que só existe por aquilo que o preenche, decretar o termo *espaço educativo* é incorrer numa antítese.

O território

Na perspetiva de olhar o espaço como território, ocorre-nos Barracho e Dias (2010), quando o referem como o “local ou área geográfica ocupada por uma pessoa ou um grupo que fazem dele, de certo modo, sua propriedade” (Barracho e Dias, 2010: 36). Um espaço transforma-se em território quando existe um domínio, um sentimento de propriedade, uma habit(u)ação. “Quando o homem habita, particulariza o seu espaço, territorializando-o, definindo-o como um lugar específico: a sua casa” (Barracho e Dias, 2010: 26). Ao atribuir o significado de território a um espaço, estamos a descobrir nele uma intencionalidade, uma ocupação. De certo modo, estaremos a atribuir uma

relação de poder e contrapoder entre os seus intervenientes. Um espaço mediado pelas representações (Cunha, 2008), com comportamentos determinados associados a apropriações e personalizações do mesmo. Aliás, “a territorialidade tem uma função essencial que é a apropriação do espaço” (Barracho e Dias, 2010: 38). Nesta lógica, evocar o termo *território educativo* é redutor.

O lugar

É o ser humano que transforma o espaço em lugar. “O lugar constitui-se quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades” (Cunha, 2008:184). O espaço é diferente de local, mas “os espaços tornam-se locais quando estão ligados a pessoas, ganham significado psicológico e implicam o decurso de atividades” (Barracho, 2001: 20). Bartolomeu Paiva defende que “não há lugar sem acontecimento, logo não há lugar sem que a relação entre espaço e homem se estabeleça (Paiva, 2014). O espaço transforma-se num lugar, apreendido, interpretado e sentido pelo indivíduo, definido pelos seus sentimentos, necessidades e projetos. O lugar é “a forma pela qual o espaço se torna objetivo e visível” (Menezes, 2000: 172). É o contexto de um determinado espaço físico que o transforma em lugar, evocando respostas humanas complexas e subjetivas, influídas por sentimentos, atitudes, valores, expectativas, desejos, necessidades. Concluindo, só um *lugar* pode ser educativo.

Educação

O termo *educação* refere-se a todo e qualquer processo de ensino-aprendizagem, onde existe uma intenção de, por um lado, transmitir e, por outro, assimilar conhecimento, num processo que “dura toda a vida em que intervêm diversos agentes e instituições educativas e extra-educativas” (Cuadrado Esclapez, 2008: 17). A educação é um processo de transmissão e aquisição de um ou mais saberes, que ultrapassa o mundo escolar e está presente ao longo da nossa vida. É demasiado ampla e, por isso, alvo de inúmeras interpretações.

Neste artigo olhamos a educação através de três parâmetros: 1. Metodológico; 2. Na relação com sujeito; 3. Enquadrada no contexto.

Do ponto de vista metodológico, existe a Educação formal, não-formal e informal. Educação formal é a educação protagonizada nos estabelecimentos de ensino aprovados, numa sequência regular de ciclos letivos, sujeitos a diretrizes curriculares progressivas e conducentes a graus e títulos.

Educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização – bastante díspares dos principais agentes da Educação formal, as escolas – e possa atribuir certificação, é menos rígida (não confundir com rigorosa) na fixação de conteúdos, tempos, espaços e até de públicos. Educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente, mas não organizado. “É a educação que todos recebemos por osmose ao viver numa sociedade em que cada momento da vida nos ensina algo” (Haro Mansilla, 2007: 19).

Do ponto de vista da relação com o sujeito, revela-se uma tridimensionalidade da educação, que se distribui em: Hetero formação, ação dos outros sobre o indivíduo; Eco formação, ação do meio envolvente sobre o indivíduo e Autoformação, ação do eu. É a pessoa que importa. É a sua biografia que conta a sua história, as suas aprendizagens. “Sem biografia, não há aprendizagem; sem aprendizagem, não há biografia” (Alheit e Dausien, 2006: 177).

Enquadrada no contexto, reconhecemos a educação escolar e a educação paralela, também designada educação social. “Em relação à educação escolar e social, esta última menos formal, considero ambas importantes para o indivíduo. Até porque a educação social, por norma, vai ajudar o indivíduo em situações que a educação escolar não consegue chegar. E tão pouco está direcionada para isso. Assim sendo, dou muita importância a essa educação. Em nenhuma parte do mundo a Educação Social é certificada. Mas isso não é o mais importante. O diploma ou a certificação nunca é o mais importante” (Ander-Egg, 2014).

A escola tem cumprido o seu trabalho do ponto de vista da teoria e da racionalidade do saber, mas falta-lhe explorar o outro hemisfério. Falta-lhe equilibrar a razão com a emoção, a inteligência com a criatividade, a aceitação com a crítica, os conhecimentos com a competência.

É na relação de todos os espaços-tempos educativos que se consegue estabelecer uma aproximação entre a Educação Escolar e a Educação Paralela, promovendo relações e dinâmicas intercomunitárias que privilegiem a participação, a autonomia e a cooperação.

FLL: atividades e apoios

São atividades da FLL:

Apoio estudantil: concessão de apoio a estudantes com manifestas dificuldades financeiras para o prosseguimento dos seus estudos, a nível de licenciatura, mestrado e doutoramento. A primeira bolsa de estudo foi atribuída no ano letivo de 2008/2009. O principal objetivo é apoiar financeiramente os estudantes, da área geográfica de influência da FLL, que tenham manifestas dificuldades de prosseguimento dos estudos por motivos de carências económicas.

Serviço educativo: o Projeto Alcateia é a designação do Serviço educativo da FLL, com especial incidência para o público escolar, trabalhando com os três Agrupamentos de Escolas dos concelhos de Nelas e Carregal do Sal. O Serviço educativo entrou no seu sétimo ano de programação em janeiro de 2017. Tem como principais objetivos: criar uma oferta cultural regular; promover experiências significativas de aprendizagem, em torno de conteúdos, contextos e ações no domínio das artes e criar espaços e tempos lúdicos de criatividade, discussão e partilha, na e com a comunidade.

Biblioteca: a FLL dispõe de uma Biblioteca, de acesso gratuito. Com um acervo de apenas dois mil documentos, tem perto de duzentos leitores registados para empréstimo domiciliário.

Iniciando as suas atividades regulares em novembro de 2011, a Biblioteca da FLL abriu o seu acervo ao público em janeiro de 2012. Tem como principal preocupação levar o livro e fomentar hábitos de leitura a público, quase por exclusivo, mais adulto, distinguindo-se, assim, das outras bibliotecas da região. A principal estratégia da Biblioteca da FLL é levar o livro e a leitura ao público de forma diferente e ousada.

Galeria: situada no 1º andar do Edifício-sede, a Galeria é considerada um dos grandes desafios da FLL, pois não existia, até então, nenhuma sala de exposições, nem nada do género, na aldeia. São objetivos da Galeria: organizar mostras diversas; promover artistas da região e ceder o espaço para organizações e eventos locais. Uma estratégia adotada para captar público é organizar um evento para a inauguração de novas exposições, de modo a que as pessoas conheçam e contactem com o artista que expõe.

Cinema: em setembro de 2011 deu-se início ao primeiro ciclo de sessões de cinema na Fundação Lapa do Lobo, como resultado de uma parceria entre a Fundação e o Cine Clube de Viseu. Desde então, têm sido exibidos alguns clássicos do cinema, nacionais e estrangeiros, em alguns casos, em

consonância com algumas atividades e projetos da Fundação. As sessões são gratuitas e decorrem, normalmente, de três em três meses.

Gapyear: configura-se como um 'ano de intervalo' entre duas fases de um determinado percurso estudantil. Foi um projeto apoiado pela FLL durante algum tempo e contemplava entre dois a seis alunos dos três Agrupamentos de Escolas (Canas de Senhorim, Carregal do Sal e Nelas) que se candidatavam com um projeto de viagem que teria que incluir voluntariado. Depois de um ano em que não houve inscrições, a FLL apoia a Associação Gapyear Portugal que, aliás, surgiu com as pessoas que fizeram o primeiro Gapyear da FLL.

Ateliê das artes: foi a primeira atividade permanente a ser promovida pela FLL, entrando em funcionamento ainda antes da inauguração do edifício sede. Funcionando como um espaço de rentabilização do tempo livre, tem como principais objetivos: despertar para as várias vertentes da arte; desenvolver o gosto pela arte, a sensibilidade estética e o sentido crítico; incentivar a aquisição e desenvolvimento de aptidões e habilidade manual e desenvolver hábitos e gosto por atividades artísticas.

Iniciação musical: projeto que envolve muitas crianças, revelando-lhes, de forma lúdica, a importância e o poder da música, do ritmo e da melodia na vida do ser humano. Tem como principais objetivos: promover um primeiro contacto com a música e estimular a noção de ritmo e melodia. Os alunos têm como principal atividade as audições de Natal, Páscoa e Final de Ano.

Grupo de cordas: aprender a tocar um instrumento musical, fazendo da música parte fundamental no desenvolvimento pessoal e social do jovem, é um desafio que a FLL tem muito prazer em assumir, criando condições para a constituição de um Grupo de cordas, constituído por guitarras clássicas e violinos. Os principais objetivos são: transmitir conhecimentos sobre os instrumentos viola e violino; praticar a leitura de partituras e dominar o instrumento de cordas.

Yoga e meditação para crianças: através da prática da meditação e Yoga, as crianças podem descobrir as suas verdadeiras paixões, os seus interesses e o potencial criativo. A meditação ajuda a compreender a vida. Através dela, as crianças não serão tão propensas à ansiedade e preocupação. Elas também poderão desenvolver laços mais fortes com todos os seres e terão menos necessidade de competir com os seus semelhantes. São objetivos desta atividade: desenvolver a autoestima e o autoconhecimento; desenvolver a atenção, a concentração e a gestão emocional.

Cursos de Informática, Bilros, Manualidades e Inglês: todos estes cursos, com duração de

aproximadamente 70 horas são dedicadas a público adulto, que pretende aprender técnicas, competências e habilidades nestas áreas. Respondem a necessidades sentidas pela própria população e visa proporcionar o primeiro contacto do indivíduo com os conhecimentos relativos ao curso em que se inscrevem. Os objetivos repartem-se em preservar tradições e costumes e/ou estar a par da inovação e das necessidades de uma aldeia cada vez mais global.

Serviço de boleias gratuitas: a FLL disponibiliza às populações dos concelhos de Nelas e de Carregal do Sal, nos dias úteis, segundo um itinerário e horários definidos, um Serviço de boleias gratuitas. Este serviço é assegurado por uma viatura de 9 lugares (incluindo o condutor), sendo transversal a todas as idades e géneros, servindo para que as pessoas cumpram as mais variadas tarefas. O objetivo é proporcionar às populações um Serviço de boleias gratuito que lhes permita deslocar-se para outras localidades, entidades e serviços.

Fitness Magic: dando seguimento aos seus objetivos, a FLL apoia atividades de índole cultural, desportivo e de lazer. O grupo Fitness Magic é um pragmático exemplo disso mesmo, que já conta com sete anos de atividade e meia centena de participantes. Os objetivos são: promover a prática de exercício físico; incentivar para hábitos de vida saudável e proporcionar momentos de diversão e lazer.

Lapa Saudável: na linha do apoio a atividades que incentivam a prática de exercício físico e a promoção de hábitos de vida saudável, a FLL desenvolve o projeto Lapa Saudável, que centra as suas atividades no exercício físico, na alimentação saudável e na análise dos fatores de risco, proporcionando aos seus participantes um controlo permanente acerca da sua condição física. Para isso organiza aulas de Danças Sociais, uma vez por semana, e Rastreios de fatores de Risco de quatro em quatro meses.

Outros eventos e Apoios a entidades: são um conjunto variado de atividades, organizadas pela FLL ou por outras entidades com o apoio da FLL, nomeadamente apresentações de obras literárias, colóquios, espetáculos musicais, sessões de poesia, representações teatrais, etc. O Apoio a entidades são apoios prestados às entidades da área de abrangência, na maioria, financeiros, que pretendem contribuir para o desenvolvimento das atividades e a consecução dos objetivos dessas mesmas entidades.

A concretização de todas estas atividades são resultado de uma forma de estar na vida que faz com que a FLL assuma um papel preponderante no desenvolvimento cultural, educativo e social da

comunidade onde se insere, criando uma relação muito próxima e genuína com os públicos, cada vez mais informados, participantes, cooperantes, responsáveis e agentes transformadores da sociedade.

FLL: lugar de Animação Sociocultural

Na FLL acredita-se que o desenvolvimento social de uma comunidade se alcança a partir da oferta cultural e do desenvolvimento educativo, mais do que através de propostas sociais presas a um determinado assistencialismo muito característico de instituições do 3º sector. As iniciativas da FLL demarcam-se por estabelecerem elos de ligação, numa complementaridade que transforma a linha de trabalho que separa cada um desses serviços no círculo que circunscreve a intervenção global da FLL, em estreitos laços de cooperação. Para além da circunscrição interna entre as suas atividades e apoios, a FLL elogia a relação parceira, quase cúmplice com as entidades públicas e privadas da área de abrangência. Esse posicionamento e filosofia de ação fazem crer a FLL como lugar de Animação Sociocultural (ASC).

A ASC, como prática social que beneficia das relações entre entidades e organizações – em que o todo é mais forte que a soma das partes –, tem como principal objetivo promover a participação popular nos mais diversos espaços da comunidade, permitindo o acesso a bens culturais e à produção desses mesmos bens culturais. O indivíduo transforma-se, através da participação ativa, em ator do seu próprio desenvolvimento. A ASC define-se como um modelo de intervenção comunitária que tem como objeto a comunidade, com a qual define estratégias de desenvolvimento que permitam criar condições para potenciar as singularidades identitárias e colmatar necessidades próprias.

Os principais valores cultivados pela ASC são a participação, autonomia e cooperação. Participar como tomar parte, intervir, ser parte de, revelar. A participação, em ASC não se pode reduzir a assinalar, em data marcada, uma preferência por uma representatividade.

Autonomia no sentido de ser independente, livre, suficiente, capaz e não como inverso de heteronomia. Cooperação como fazer parte, por em relação, criar interação. As metodologias de ASC assentam no fenómeno grupal e na entajuda dos intervenientes e é necessária a colaboração de todas as partes para se alcançarem objetivos comuns.

Diversos autores, como por exemplo Calvo (2000), Gillet (2008), Ventosa (2008), Pérez e Sarrate

(2011) e Lopes (2006, 2012) interpretam a ASC como fomentador de uma educação para a participação, autonomia e cooperação, como poderemos perceber no quadro 1.

Quadro 1: Síntese das opiniões de diferentes autores sobre ASC e a relação com a participação, autonomia e cooperação

Autor	Componente	Item
Calvo (2002)	Participação	A participação como marco idóneo para o desenvolvimento da liberdade.
	Autonomia	Atividades de ASC baseadas em processos de emancipação comunitária.
	Cooperação	Conduz à mudança nas relações pessoais dentro da comunidade.
Gillet (2008)	Participação	ASC criadora de sistemas de pertença, suporte essencial à identidade e participação.
	Autonomia	Restabelecimento da ligação do sujeito consigo mesmo, construindo uma imagem mais positiva.
	Cooperação	Promotora de laços sociais que permitem ao indivíduo revelar-se e dar-se a conhecer.
Ventosa (2008)	Participação	ASC focada no desenvolvimento da criatividade através da implicação ativa dos seus destinatários.
	Autonomia	ASC vincada por estratégia pedagógica centrada em técnicas de autonomização dos indivíduos.
	Cooperação	ASC centrada no desenvolvimento comunitário e na promoção da vida associativa e cooperativa.
Pérez e Sarrate (2011)	Participação	Participação como metodologia e objetivo das atividades de ASC.
	Autonomia	ASC como agente transformador dos indivíduos, no sentido de lhes dar vida, estimulando a mudança.
	Cooperação	Ações de ASC como facilitadoras do contacto, da relação e do envolvimento comprometido.
Lopes (2012)	Participação	Participação assumida através de grupos, redes, na qual se traduz um compromisso.
	Autonomia	Autonomia promotora de uma participação em que cada ser se torna ator de mudança.
	Cooperação	Cooperação como expressão coletiva e como prática coletiva, enquadradas em processos de comunicação.

Fonte: elaboração própria

Em conclusão, inspirados em Merino (2003) entendemos que a ASC tem uma técnica: Participação; um princípio: Autonomia e um compromisso: Cooperação.

A Técnica da Participação

Se houvesse palavra-chave para definir ASC, seria *participação*. Todos os autores a destacam como aspeto fundamental, como *condição indispensável* da animação (Ander-Egg, 2000). Com o objetivo de transformar a sociedade a partir da intervenção dos seus próprios membros, a participação em ASC estará sempre ligada aos conceitos de cidadania e democracia.

O Princípio da Autonomia

Se a técnica da participação se pode ligar à necessidade, o princípio da autonomia está ligado à perpetuidade. Princípio, por definição, é o primeiro instante de algo. É o ponto inicial de uma extensão de alguma coisa. É a origem. Se a ASC tem raízes na liberdade de ação e pensamento, carrega em si o princípio da autonomia, que lhe atribui a responsabilidade de lutar contra a submissão, num perpétuo movimento de emancipação e independência. O princípio da autonomia é a razão fundamental da ASC.

O Compromisso da cooperação

A natureza e a génese das atividades de ASC obedecem à convergência na resposta a duas realidades no mesmo processo de ação: a realidade individual e a realidade social. Mas nem uma teoria de resposta individualista, nem uma resposta geral para um grupo define os seus programas. A ASC desenvolve ações que promovem o espírito solidário e cooperativo entre o indivíduo e o grupo e incrementa atitudes de colaboração entre todos.

Ao dedicar-se, essencialmente, ao trabalho com grupos, a ASC fortalece o espírito de solidariedade e fomenta o compromisso de cooperação em todas as suas práticas, contrariando os espetros do individualismo e da competição.

A ASC, ao estimular a participação, a autonomia e cooperação, está a ensinar a viver plenamente em comunidade, evocando a força libertadora do indivíduo. Assim acontece no desenvolvimento das atividades da FLL. Para tal, é necessário protagonizar atividades de ASC que ultrapassem o simples entretenimento e alcancem a *recreação educativa* (Waichman, 2006) – uma conceção que intenta a transformação qualitativa que nos permite ter a capacidade de formular e concretizar modelos de intervenção educativa que concebem a praxis e apropriação do pensamento crítico: fazer não só o que nos é indicado ou oferecido, mas também optar e tomar decisões em relação ao que se pode fazer. É no terreno que conseguimos distinguir as boas práticas de ASC e as reconhecemos como, mais do que simples entretenimento, recreações educativas, assentes na

técnica da participação, no princípio da autonomia e com o compromisso da cooperação.

FLL: lugar de participação

Conscientes do lugar que ocupam no contexto educativo da sua área de abrangência, a FLL oferece oportunidades de desenvolvimento pessoal e social aos públicos que a procuram e dela usufruem.

“Umás vezes de forma muito direta, outras de forma mais indireta, contribuímos para criar cidadãos ativos na sociedade, autónomos e solidários” (Batalha, 2015).

Ao desenvolver propostas de educação através das artes, a FLL está a contribuir para uma melhor formação de sujeitos, tornando-os mais capazes, atentos, críticos e participativos. Ao promover atividades que solicitam a participação ativa e empenhada dos indivíduos, a FLL convoca-se a si própria para palco privilegiado de reflexão e tomada de decisão sobre questões ligadas ao exercício de cidadania, cumprindo os propósitos a que se desafiou, ligados à compreensão, adaptação e aceitação da realidade local, que vai muito além do contexto escolar.

FLL: lugar de autonomia

Através das suas atividades, a FLL promove a autonomia do indivíduo, estimulando não só a capacidade cognitiva, associada ao ‘saber’, mas também a capacidade produtiva, ligada ao ‘fazer’ e a capacidade crítica, ligada ao ‘pensar’.

Também ao apoiar outras entidades, a FLL está a ampliar a autonomia delas, por contribuir para a concretização de iniciativas próprias, para públicos específicos. Esse apoio traduz a vontade de democratizar o acesso à cultura, reconhecendo a importância do associativismo para a divulgação e promoção da cultura identitária de uma comunidade.

A FLL está consciente da capacidade das associações locais na mobilização das pessoas, para proporcionar, a essas mesmas pessoas, acesso a bens culturais e educativos singulares e assentes em critérios baseados nas suas necessidades e anseios.

FLL: lugar de cooperação

O facto de a FLL trabalhar em contextos limitados, numa total proximidade com o local, leva a que o sentido de cooperação seja um valor característico das suas práticas. O espírito cooperante e

colaborativo resulta da qualidade das ações que a FLL protagoniza, às quais grande parte das organizações e entidades de ambos os concelhos fazem questão em se associar. Na prática, muitas vezes, o trabalho desenvolvido pela FLL é partilhado e assumido por outras entidades, promovendo a integração e assimilação de diferentes métodos e conhecimentos, que resultam num trabalho mais fecundo e enriquecedor.

Conclusão

Em conformidade com o discurso apresentado ao longo do artigo, assume-se que não existem espaços educativos. Para ser educativo, um espaço terá de ser considerado um lugar por quem o habita ou nele permanece. Só existem lugares educativos. O espaço, como lugar educativo, transforma-se em lugar de mediação, de formação, aprendizagem, transmissão de saber e sabor. Todo o lugar educativo é um espaço de mediação entre o indivíduo e o próprio lugar e tudo o que compõem.

A FLL é um lugar educativo, onde o papel principal cabe às pessoas, à comunidade, numa perspetiva de educação ao longo da vida, mesmo que a entendamos na tríade de educação formal, não-formal e informal; tripartida em heteroeducação, ecoeducação e autoeducação ou bifurcada em educação escolar e educação paralela.

A FLL é um lugar de ASC, que protagoniza, assim como a própria ASC, recorrendo às palavras de Antunes (2011) “um conjunto de estratégias, métodos e técnicas de intencionalidade educativa que tem como finalidade melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, implicando-os no desenvolvimento sociocultural das comunidades de que fazem parte de uma forma ativa, responsável e participativa” (Antunes, 2011: 150).

A FLL é um lugar – participativo, autónomo e cooperante – promotor de práticas de ASC, que fazem dela um lugar participativo, autónomo e cooperante. O contributo das práticas de ASC para a participação, autonomia e cooperação dos atores locais, no seio da FLL, só é possível na medida em que será através da ASC que a FLL se transforma em lugar de participação, autónomo e cooperante. O contributo da ASC vai no sentido de transformar os lugares educativos, possibilitando a educação para a participação, autonomia e cooperação, através de três premissas essenciais:

1. Equidade, que permita a participação desprendida e a liberdade de pensamento crítico de todos os indivíduos, sem preconceitos nem pudores.

2. Independência, como abono de autonomia, no sentido em que o próprio espaço terá de ser independente e autónomo.

3. Proximidade, com o intuito de criar laços de relação entre os atores sociais, fomentando o espírito de cooperação.

Educar para a participação, autonomia e cooperação só é possível na FLL, tal como em outros lugares educativos, quando se mantém a equidade, a independência e a proximidade como forma de trabalho, reconhecendo nas práticas de ASC o meio para a alcançar.

FLL: lugar de educanimação

A FLL é lugar de educanimação porque educa através das metodologias de ASC. O contributo da ASC é favorável à educação para a participação, autonomia e cooperação no sentido em que é através da ASC que todas as atividades – desenvolvidas em lugares educativos através de atividades culturais, educativas e sociais – permitem a partilha de conhecimento e favorecem processos de ensino-aprendizagem. Na FLL, como lugar de educação para a participação, autonomia e cooperação, concretizam-se práticas de ASC sem se desviar da ação educativa, fomentando um equilíbrio entre conhecimento e entretenimento, entre consumo e consciencialização.

A FLL é um lugar de educanimação, onde se educa, animando, para a consciência crítica e libertadora, para alcançar a mudança; onde se anima, educando, para a aquisição de conhecimentos e competências, no sentido de originar o desenvolvimento pessoal e social.

É, no fundo, estimular iniciativas educativas independentes, equitativas e próximas dos indivíduos, capazes de os transformar em cidadãos participativos, autónomos e cooperantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Alheit, Peter e Dausien, Bettina (2006), “Processos de formação”, Revista Educação e Pesquisa, v.

32, n.º 1, 177-197.

Ander-Egg, Ezequiel (2014) “Entrevista n.º 7”. In: Fonte, Rui (2015) A animação sociocultural e os lugares de educação para a participação, autonomia e cooperação: estudo de caso da Fundação Lapa do Lobo. Tese de Doutoramento, Vila Real: UTAD, Vol. 2, 72-76.

Ander-Egg, Ezequiel (2000), Metodología y práctica de la animación sociocultural. Madrid: Editorial CCS.

Antunes, Maria da Conceição Pinto (2011), “A Animação Sociocultural e Educação Comunitária”. In: Pereira, José Dantas Lima e Lopes, Marcelino de Sousa (coord.), As Fronteiras da Animação Sociocultural, Chaves: Intervenção, 147-159.

Barracho, Carlos (2001), Psicologia social: ambiente e espaço: conceitos, abordagens teóricas e aplicações. Lisboa: Instituto Piaget.

Barracho, Carlos e Dias, Maria João (2010), O homem e o espaço: perspectivas multidisciplinares. Lisboa: Sílabo.

Batalha, Maria do Carmo Moniz da Maia (2015) “Entrevista n.º 22”. In: Fonte, Rui (2015) A animação sociocultural e os lugares de educação para a participação, autonomia e cooperação: estudo de caso da Fundação Lapa do Lobo. Tese de Doutoramento, Vila Real: UTAD, Vol. 2, 144-153.

Calvo, Ana (2002), La animación sociocultural: una estrategia educativa para la participación. Madrid: Alianza Editorial.

Cuadrado Esclapez, Toni (2008), La enseñanza que no se ve: educación informal en el siglo XXI. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones.

Cunha, Maria Isabel (2008), “Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação de docentes universitários”, *Educação Unisinos*, 12 (3), setembro/ dezembro, 182-186.

Fonte, Rui (2016) *Fundação Lapa do Lobo: lugar de educação para a participação, autonomia e cooperação à luz das práticas de animação sociocultural*. Lapa do Lobo: Edição de autor.

Fundação Lapa do Lobo (2017) [em linha]. Disponível em <http://fundacaolapadolobo.pt> [consultado em 7 de setembro de 2017].

Gillet, Jean-Claude (2008), “Perspectivas profesionales de la animación: una mirada internacional”. In: Ventosa, Víctor J. (coord.), *Los agentes de la animación sociocultural: el papel de las instituciones, de la comunidad y de los profesionales*, Madrid: Editorial CCS, 35-52.

Haro Mansilla, Aladina (2007), “La animación sociocultural como educación no formal”. In: Ayuso Carrasco, Ismael (coord.), *Animación Sociocultural: intervención multidisciplinar*, Madrid: CEP Editorial, 15-30.

Lopes, Marcelino de Sousa (2006), *Animação Sociocultural em Portugal*. Chaves: Intervenção.

Lopes, Marcelino de Sousa (2012), “A Animação Sociocultural: democracia, cidadania, participação e o dédalo do real com o virtual”. In: Cebolo, Cátia Soraia Gaspar, Pereira, José Dantas Lima e Lopes, Marcelino de Sousa (coord.), *Animação Sociocultural: intervenção e educação comunitária: democracia, cidadania e participação*, Chaves: Intervenção, 79-90.

Menezes, Marluci (2000), “Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações sócio-espaciais”, *Horizontes Antropológicos*, ano 6, n.º 13, junho, 155-175.

Merino, José V. (2003), *Programas de animación sociocultural: três instrumentos para su diseño y evaluación*. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones.

Paiva, Bartolomeu (2014) “Entrevista n.º 3”. In: Fonte, Rui (2015) A animação sociocultural e os lugares de educação para a participação, autonomia e cooperação: estudo de caso da Fundação Lapa do Lobo. Tese de Doutoramento, Vila Real: UTAD, Vol. 2, 29-40.

Pérez, Glória e Sarrate, Maria Luísa (2011), “Epistemologia da Animação Sociocultural e Conceitos Afins”. In: Pereira, José Dantas Lima e Lopes, Marcelino de Sousa e (coord.), As Fronteiras da Animação Sociocultural, Chaves: Intervenção, 105-119.

Ventosa, Víctor J. (2008a) Perfiles y modelos de animación y tiempo libre. Madrid: Editorial CCS.

Waichman, Pablo Alberto (2006), “Animación, tiempo libre y recreación: de la manipulación a la libertad”. In: Ventosa, Víctor J. (coord.), Perspectivas actuales de la animación sociocultural: cultura, tiempo libre y participación social, Madrid: Editorial CCS, 33-50.

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Fonte Rui (2018); Fundação Lapa do Lobo. Lugar de educação e de animação sociocultural; en <http://quadernsanimacio.net> ; n.º 27; enero de 2018; ISSN: 1698-4404